

A METAFÍSICA DE PLOTINO

Coleção DIDASKALÍA

Coordenação editorial: *Mauricio Pagotto Marsola*

- *A metafísica de Plotino*, Jean-Marc Narbonne

JEAN-MARC NARBONNE

**A METAFÍSICA
DE PLOTINO**



Título original: *La métaphysique de Plotin*

Segunda edição ampliada de "Henôsis et Ereignis. *Remarques sur une interprétation heideggerienne de l'Un plotinien*"

© Librairie Philosophique J. Vrin, Paris, 2001.

<http://www.vrin.fr>

Tradução: *Mauricio Pagotto Marsola*

Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*

Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*

Revisão: *Tarsila Doná*

Iranildo Bezerra Lopes

Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*

Capa: *Marcelo Campanhã*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Narbonne, Jean-Marc

A metafísica de Plotino / Jean-Marc Narbonne; [tradução Mauricio Pagotto Marsola]. — São Paulo: Paulus, 2014. — (Coleção Didaskalía)

Título original: *La métaphysique de Plotin*.

ISBN 978-85-349-4056-6

1. Metafísica 2. Plotino I. Título. II. Série.

14-10082

CDD-186.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Plotino: Filosofia 186.4

1ª edição, 2014

© PAULUS – 2014

Rua Francisco Cruz, 229

04117-091 – São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

Fax: (11) 5579-3627

www.paulus.com.br

editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4056-6



PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO FRANCESA

O crescente interesse dos especialistas e dos estudantes pelo pensamento neoplatônico e por Plotino em particular explica que, alguns anos após sua aparição, o presente volume seja beneficiado com uma segunda edição. Nosso projeto inicial era destacar à atenção do público alguns pontos salientes da filosofia de Plotino, ou aqueles que nos pareciam manifestar melhor que outros sua originalidade a uma época cujo espírito não mais os reconhece. Na história da transmissão do platonismo – sempre mais ou menos penetrado de aristotelismo –, Plotino ocupa uma posição singular não apenas em relação a seus antecessores, que ele ultrapassa por sua capacidade de síntese e suas audácias especulativas, mas também em relação a seus sucessores, que em muitos aspectos dele se distanciarão (é o caso do argumento *causa sui* desenvolvido acerca do Uno ou da assimilação da matéria ao mal radical). Mestre mal amado ou mal compreendido, iniciador em parte traído, Plotino lega à posteridade uma imensa herança, da qual Platão recebeu quase todo o crédito em seu lugar. Mas isso foi evidentemente um ganho para a grande aventura do platonismo, de peripécias numerosas e variadas, que desdobra suas conseqüências até hoje.

Algumas das visões expressas neste livro passaram por uma evolução, sob o impulso de novas pesquisas. Foi assim que, do

problema da originalidade de Plotino, passamos ao problema da especificidade do projeto neoplatônico como tal, notadamente por oposição à ontologia de tradição aristotélica e à interpretação proposta por Heidegger.¹ Esta segunda investigação, mais ampla, mas que de modo algum desmente as principais aquisições da primeira, permite-nos apreciar ainda melhor o estatuto da intuição mestra de Plotino em relação ao Uno transcendente, a mesma que, associada à exegese do *Parmênides* de Platão, alimentará toda a reflexão posterior da escola neoplatônica.

Decidimos não modificar – à parte as correções cosméticas usuais – o conteúdo da primeira edição deste livro, que tem sua própria história, e que se defenderá bem – ou mal – por si só. Acrescentou-se agora um estudo que nos parece auxiliar a melhor situar o lugar do Uno plotiniano como princípio na história das ideias e nos debates filosóficos contemporâneos.² Pareceu-nos, entretanto, oportuno retornar a um ponto da exposição primitiva justamente em relação ao argumento *causa sui*. Ainda hoje reivindicamos para Plotino a paternidade dessa noção, cujo mérito J.-L. Marion, em reação a este livro e a um estudo que publicamos anteriormente,³ atribui a Descartes.⁴ O caso, não é preciso reafirmar, é difícil em razão da natureza complexa do próprio conceito, que implica a existência (para poder se criar) e a não existência (para ter se criado) simultâneas de uma mesma realidade. Plotino nela acreditou? Descartes pode nela ter acreditado mais que Plotino? É preciso crer mais ou menos intensamente em um conceito para dele se

1 J.-M. Narbonne, *Hénologie, ontologie et Ereignis (Plotin – Proclus – Heidegger)*, Collection "L'Âne d'Or", Paris: Les Belles Lettres, 2001.

2 J.-M. Narbonne, "Henôsis" et "Ereignis": Remarques sur une interprétation heideggérienne de l'Un plotinien", originalmente publicado em *Les Études philosophiques*, n. 1, 1999, p. 105-121.

3 J.-M. Narbonne, "Plotin, Descartes et la notion de *causa sui*", *Archives de Philosophie*, vol. 56, 1993, p. 177-195.

4 J.-L. Marion, *Questions cartésiennes II*, Paris: PUF, 1996, p. 148, nota 5.

fazer um inventor legítimo, sobretudo quando é precisamente de legitimidade que ele sofre de modo irreparável? Sempre ocorre que Plotino desenvolve o argumento sobre a causa de si não simplesmente para refutá-lo, mas para, graças a ela, deixar entrever a incomensurável potência do Uno, dela forjando o sintagma, na medida em que o Uno é formalmente afirmado αἴτιον ἑαυτοῦ (VI 8 [39], 14, 41).⁵

Québec, janeiro de 2001.

5 Sobre esse tema, agora lê-se com proveito W. Beierwaltes, “*Causa sui*. Plotins Begriff des Einen als Ursprung des Gedankens der Selbstursächlichkeit”, em *Traditions of Platonism: essays in honour of John Dillon*, editado por J. J. Cleary, Aldershot: Ashgate, 1999, p. 191-226.



PREFÁCIO

Esta obra não é um livro sobre a filosofia de Plotino, ao menos no sentido *clássico* do termo. Não serão encontradas, apresentadas segundo uma ordem sistemática e dispostas umas em relação às outras, as grandes articulações de sua filosofia. Partes inteiras de seu sistema não serão abordadas, e muitas figuras de seu pensamento, negligenciadas. De igual modo, não se trata de um estudo de detalhe, reservado aos especialistas, visando esclarecer tal ou tal ponto de sua doutrina. Destinado a um público mais amplo, a todos aqueles que se interessam pela história do pensamento em geral, tenta destacar a *especificidade* do pensamento de Plotino. Visamos a um fim único: demarcar o lugar da reflexão plotiniana na história das ideias e no desenvolvimento do pensamento grego.

Diferentes facetas de sua filosofia são estudadas e analisadas apenas na medida em que servem a esse fim. Sem conhecer o detalhe de seu sistema, sem ser derrotado pelas sutilezas argumentativas e terminológicas do filósofo, o leitor terá uma ideia daquilo que Plotino *tornou possível*, daquilo que ele trouxe à história da filosofia. Tudo aquilo que apresentava um obstáculo à exposição foi, na medida do possível, deixado de lado. Apesar da complexidade do tema, reduzimos as discus-

sões técnicas ao mínimo. Todas as passagens gregas⁶ ou latinas são traduzidas, assim como, na maior parte, os comentários em inglês ou alemão.

A ideia deste livro germinou-se progressivamente após nossas investigações sobre o problema da matéria no pensamento de Plotino. Estávamos tocados pela onipresença da matéria na estrutura metafísica do sistema plotiniano. Ora, a matéria é um ser em potência, um *δυνάμει ὄν*, isto é, algo cuja estrutura ontológica é inacabada, de todo fixada, e que requer, portanto, a mudança. Sua presença em todos os níveis de realidade distintos por Plotino revelava, portanto, o caráter evidentemente dinâmico de seu sistema, o fato de que ele permanece em cada uma de suas partes animado de uma potência capaz de operar transformações múltiplas nas diferentes regiões do ser.

Esse dinamismo pareceu-nos novo, revelando em Plotino uma concepção de ser distinta daquela que encontramos em Platão e Aristóteles. Ela permitia supor outro princípio na base de seu sistema, um poder de ação novo, diferente daquele que a tradição grega nos havia dado a conhecer até então. Confirmava tal impressão o fato de que, na outra ponta da estrutura do ser, a matéria sensível conhecia uma espécie de inverso, visto que se encontrava desprovida de qualquer poder, privada de modo definitivo de qualquer função.

O “ser”, tomado em sentido amplo, era em Plotino aparentemente portador de uma nova estrutura, testemunhando uma capacidade de transformação e de produção inusitadas, da qual seria necessário avaliar o estatuto e explicar a origem.

O livro de A. Faust, *Der Möglichkeitsgedanke. Systemgeschichtliche Untersuchungen*, forneceu-nos o quadro geral da interpreta-

6 A maior parte das traduções de Plotino são nossas, mas retomamos em algumas ocasiões a tradução de Bréhier, modificando-a conforme o caso. Alguns tratados que, nos últimos anos, foram objeto de comentários particulares são citados em sua nova tradução.

ção que buscamos para situar a reflexão de Plotino na história do pensamento grego e em seu prolongamento no seio da escolástica medieval e na tradição do idealismo alemão.

No caminho, o encontro do livro de P. Hadot, *Porfírio e Vitorino*, foi decisivo. Dessa obra retomamos a tese mestra da *transposição estoica* do platonismo. P. Hadot mostrou a importância dessa transposição para compreender a metafísica porfiriana e, em geral, neoplatônica. Esse modelo se revela de igual modo importante na elaboração do pensamento de Plotino. Encontramos a peça que faltava em nosso edifício. Graças a ela, o movimento do pensamento plotiniano podia ser restituído de modo harmônico e natural.

O comentário de G. Leroux ao tratado *Sobre a liberdade e a vontade do Uno* foi também de grande utilidade na compreensão das origens desse escrito excepcional na obra de Plotino. Enfim, dois estudos notáveis de J. Whittaker nos permitiram melhor considerar a evolução de alguns conceitos-chave nas especulações pré-plotinianas.

Nossos amigos L. Brisson e A.-Ph. Segonds contribuíram com suas observações eruditas para melhorar alguns aspectos do livro e nos auxiliaram na correção da versão final.

Agradecemos à Université Laval, que nos forneceu excelentes condições de pesquisa, bem como ao *Fundo para a formação de pesquisadores e auxílio à pesquisa* (F.C.A.R.), que nos forneceu uma generosa subvenção.



INTRODUÇÃO

Não pretendemos, com o título de *A metafísica de Plotino*, exumar algum antecedente plotiniano do debate que deveria nascer em seguida, e que persiste ainda hoje, acerca do verdadeiro objeto da *Metafísica* de Aristóteles. Esse objeto não era tema de dúvida para Plotino nem para os comentadores gregos de Aristóteles em seu conjunto,¹ e, notadamente, para Alexandre de Afrodísia, do qual, como sabemos por Porfírio, Plotino fazia ler os comentários em seus cursos.²

Nossa intenção é antes exibir, tomando alguns exemplos como apoio, o que constitui *o próprio fundo do ser* para Plotino. Em outros termos, tentar mostrar em que consiste, em última instância, a textura mesma do real. Esse empreendimento é metafísico no sentido em que requer um dos caracteres tradicionalmente reconhecidos nesse tipo de investiga-

1 Assim como nota J. Owens em *The Doctrine of Being in the aristotelian Metaphysics*, 3ª ed., Toronto, 1978, p. 9.

2 Cf. *Vita Plotini*, 14, 10-14: “Em seus cursos, ele fazia com que fossem lidos, por exemplo, os comentários de Severo, Crônio, Numênio, Gaio ou Ático, e, dentre os peripatéticos, os de Aspásio e de Alexandre, de Adrasto e de outros autores de acordo com o tema” (trad. Porphyre, *Vie de Plotin, II, Études d'introduction, texte grec et traduction française, commentaire, notes complémentaires, bibliographie par J. Pépin et alii*, Paris, Vrin, 1992, p. 155-156). O Alexandre mencionado nessa passagem é, “sem dúvida, Alexandre de Afrodísia”, como observa corretamente L. Brisson em sua “Prosopografia” da *Vida de Plotino (Porphyre, Vie de Plotin, I, Travaux préliminaires et index grec complet par L. Brisson, M.-O. Goulet-Gazé, R. Goulet et D. O'Brien*, Paris, 1982, p. 62).

ção, que é a busca das causas do ser propriamente dita, isto é, a *etiologia*.³

Com isso esperamos demarcar de modo mais preciso o lugar de Plotino na história do pensamento. A questão, incessantemente retomada, de saber onde terminam o platonismo e o aristotelismo de Plotino e onde começa o plotinismo propriamente dito receberá um novo esclarecimento caso seja mostrado, como cremos poder fazer aqui, o que o ser é *em seu fundo, em seu princípio*, concebido de modo diferente por Plotino em relação a Platão ou Aristóteles. E se o fundo, se o princípio, logo, se a *fonte* mesma do ser como causa é diferente para ele, com efeito é possível sustentar que há uma metafísica propriamente *plotiniana*, ou, caso se prefira, um *momento* plotiniano da metafísica na história das ideias.

3 No livro A da *Metafísica*, por exemplo, Aristóteles esclarece que pelo nome de σοφία (sabedoria), “todos comumente entendem como aquilo que se refere às primeiras causas e primeiros princípios” (981b 28-29). Mesmo nos livros mais “ontológicos” da *Metafísica*, como Gama ou Épsilon, aparece ainda essa problemática das causas (por exemplo, 1003a 31-32; 1025b 3-4) na consideração da filosofia primeira.